

Práticas de enchimento de estruturas em negativo no Monte do Marquês 15 (Beringel, Beja)

Nelson Vale^{}, Lurdes Oliveira^{**}, Lídia Baptista^{***} e Sérgio Gomes^{****}*

Resumo:

Neste artigo apresentamos uma análise comparativa dos enchimentos de duas estruturas em negativo da estação Neolítica/Calcolítica do Monte do Marquês 15 (Beringel, Beja). A análise efetuada centra-se na ocorrência de construções pétreas no interior das estruturas e na componente cerâmica, tendo como objetivo problematizar o modo como estes elementos remetem para distintas práticas de enchimento/construção das estruturas.

Abstract:

This paper focus on the study of two structures from the Neolithic/Chalcolithic site of Monte do Marquês 15 (Beringel, Beja). The study privileges the role of ceramic and stone items in the fill of the structures, dealing to discuss how these elements allow to consider distinct building practices.

^{*} *Arqueologia & Património Lda.*

^{**} *Bolsa de doutoramento da FCT, CEAUCP – CAM*

^{***} *Arqueologia & Património Lda., FLUP, CEAUCP – CAM*

^{****} *Arqueologia & Património Lda., CEAUCP – CAM*



INTRODUÇÃO

Neste artigo iremos problematizar alguns aspetos decorrentes da análise dos enchimentos das estruturas em negativo da estação pré-histórica do Monte do Marquês 15 (Beringel, Beja). Após a apresentação geral do sítio (Ponto 1), procederemos à descrição dos enchimentos das estruturas nº 1 e nº 22 que, como veremos, apresentam aspetos em comum e diferenças (Ponto 2). Na análise que efetuamos, fomos explorando o modo como esse jogo entre as diferenças e as repetições se atualiza nas construções pétreas e na componente cerâmicas que ocorrem no enchimento das estruturas.

1. SÍNTESE DOS RESULTADOS DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DESENVOLVIDOS NO MONTE DO MARQUÊS 15

O sítio de Monte do Marquês 15 localiza-se na freguesia de Beringel, concelho e distrito de Beja (Fig. 1). Em termos geomorfológicos a área de implantação do sítio corresponde ao topo de uma suave colina, cuja cota máxima é de 185 m. De acordo com a carta litológica (escala 1: 1000000), o sítio arqueológico insere-se nas formações do mio-pliocénico marino, constituídas por arenitos, calcários mais ou menos margosos, areias, cascalheiras, argilas, que correspondem ao designado “caliço”, um calcário esbranquiçado, por vezes com tonalidades acinzentadas, esverdeadas ou rosadas, pulverolento ou concrecionado em posição horizontal. Esta formação está circunscrita, grosso modo, entre Mombeja e Trigaches, inserida no Complexo de Odivelas – Gabros de Beja.

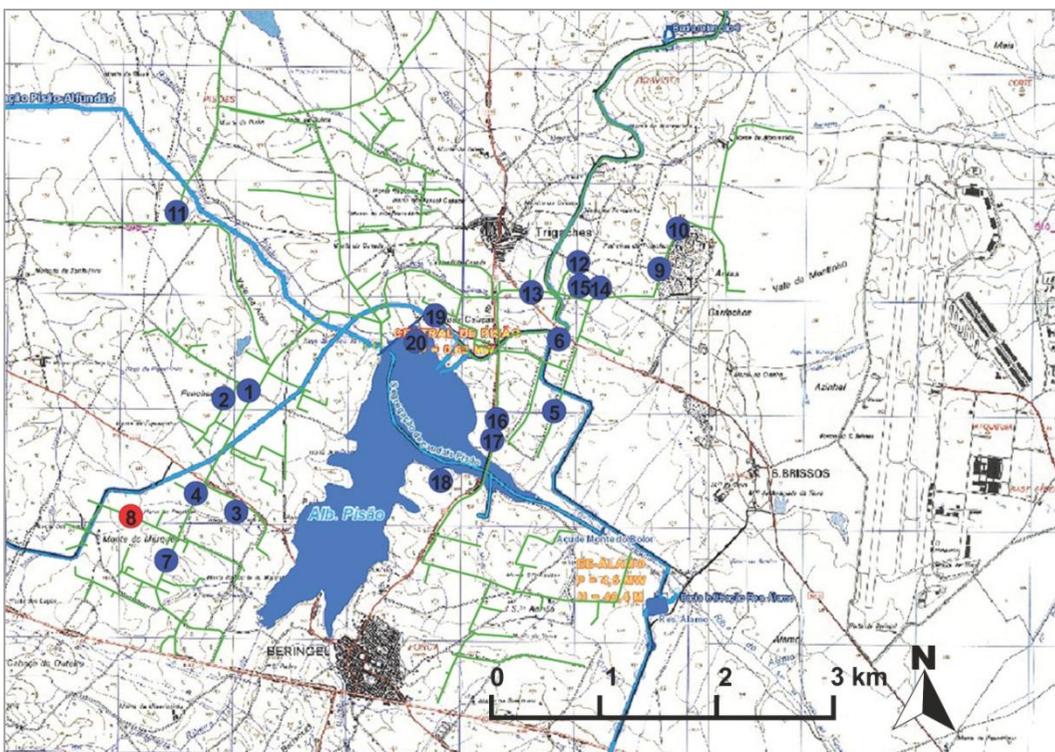


Fig. 1.— Mapa de distribuição dos sítios identificados no âmbito do Bloco de Rega do Pisão (intervencionadas pela Arqueologia & Património). Monte do Marquês 15 assinalado a vermelho

A estação foi identificada no âmbito dos trabalhos promovidos pela EDIA, S.A., para implantação do Sistema Global de Rega do empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, mais propriamente na fase de obra da execução do Bloco de Rega do Pisão. Este projeto visava a implantação de condutas de rega, canais de água a descoberto, estações elevatórias e uma barragem, bem como beneficiação de caminhos agrícolas e limpeza regularização de linhas de água na envolvente das localidades de Beringel e Trigaches localizadas a Oeste da cidade de Beja. A execução destes trabalhos implicou processos de escavação e movimentação de terras, os quais foram acompanhados por uma equipa de

arqueologia. O resultado destes trabalhos espelha-se na identificação de uma série de sítios, exclusivamente com estruturas em negativo, que foram alvo de intervenções arqueológicas (Fig. 1). Foi neste contexto que se realizaram os trabalhos arqueológicos no Monte do Marquês 15.

A intervenção decorreu em três fases (entre finais de 2007 e meados de 2008), permitindo a identificação de um importante sítio de estruturas em negativo do IV^o e III^o Milénio a.C., no qual foram identificadas 35 estruturas, tendo sido escavadas 28 e as restantes sete foram preservadas após o devido registo (Fig. 2). Das 28 estruturas escavadas, 27 são de cronologia Pré-histórica e apenas um dos contextos nos remete para o período histórico. Este contexto histórico, identificado na área da sondagem 11, cortava estruturas de cronologia Pré-histórica e foi parcialmente intervencionado, não sendo possível a delimitação dos seus limites, bem como compreender a sua funcionalidade. Contudo, os depósitos e materialidades identificados parecem apontar para uma necrópole de incineração de época romana.

Estas estruturas, abertas ao nível do topo do substrato geológico, eram cobertas por uma camada de terras de lavra com cerca de 30 cm. Em alguns casos as interfaces negativas estavam inter-ligadas, sendo possível estabelecer sequências estratigráficas entre elas. Quanto à morfologia podemos distinguir dois tipos de estruturas: “fossas” e “hipogeu”. As estruturas de tipo “fossa” apresentam uma variabilidade morfológica na qual podemos distinguir formas fechadas e formas abertas, sendo as primeiras mais profundas. Quanto ao “hipogeu”, encontra-se representado apenas por uma estrutura (sondagem nº 10)¹, é constituída por dois módulos: uma antecâmara de contornos irregulares, tendencialmente circular; e uma câmara (com um fecho pétreo), onde se identificou um indivíduo adulto do sexo feminino depositado em posição fetal em decúbito lateral esquerdo² coberto com ocre, sem qualquer elemento artefactual. Este contexto, com base numa data de C14, situa-se em meados do IV^o milénio a.C (Baptista *et al.* nestas atas).

1. A respeito da escavação deste contexto é necessário referir que: “A estrutura nº 10 foi identificada durante a 1^a Fase dos trabalhos. No seu interior apenas se identificou um depósito de enchimento (que apresentava muitas semelhanças com o veio geológico que a atravessava) e, à excepção de um conjunto pétreo, não apresentava elementos artefactuais. Perante este cenário, numa reunião de campo com os técnicos da EDIA e do IGESPAR, decidiu-se não escavar o restante enchimento que se prolongava para lá da área decapada, assumindo que se trataria de contexto não-antrópico. Assim, após o desmonte do conjunto pétreo, a sua escavação foi dada como concluída. Contudo, em fase de obra, viria a ser constatado que se tratava de uma “estrutura de enterramento”, tendo sofrido algum impacto aquando dos trabalhos de abertura de vala” (Baptista *et al.* 2010: 25).

2. A análise antropológica este a cargo de Maria Teresa Ferreira (2008).

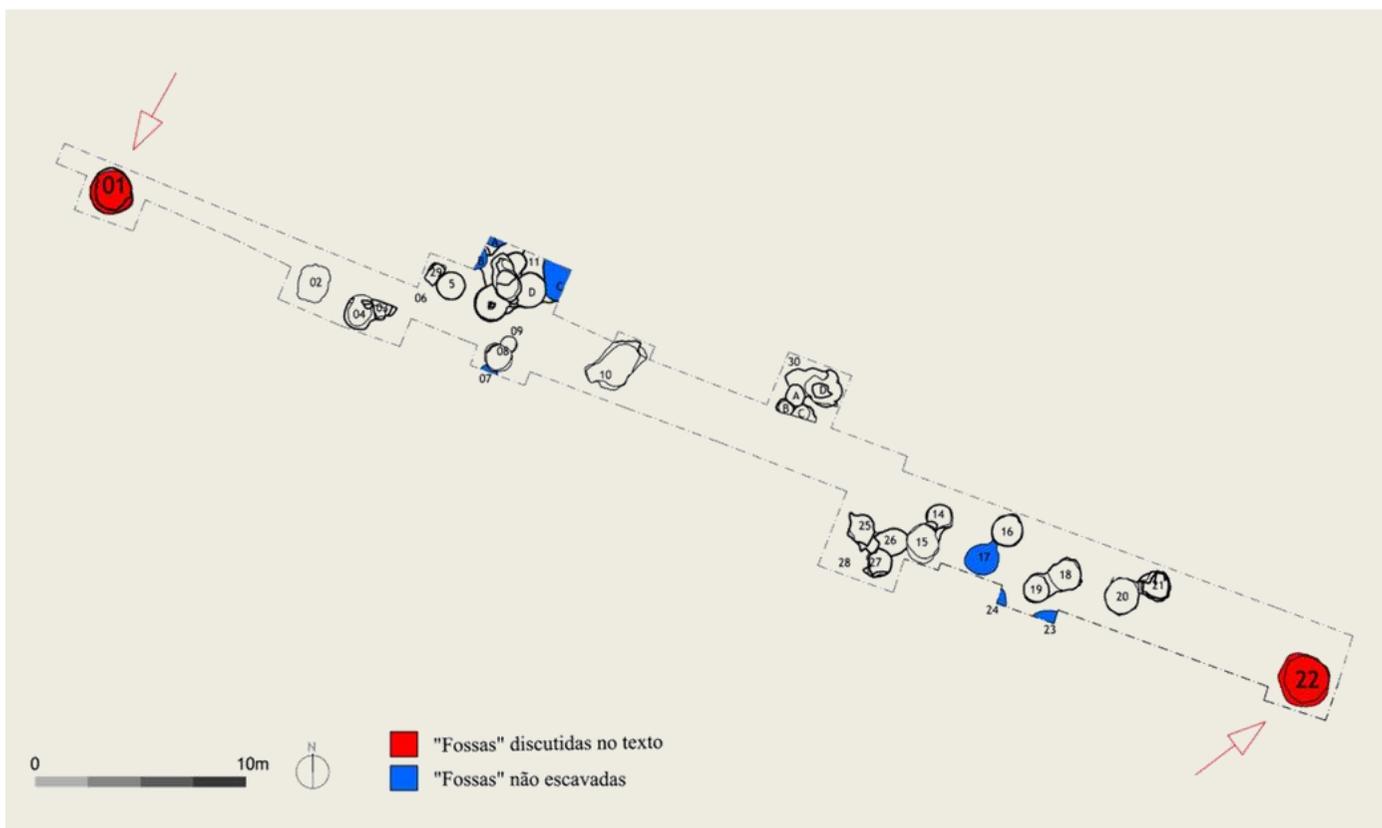


Fig. 2.— Planta da Intervenção (estão a assinaladas a vermelho as estruturas em análise)

A análise da componente artefactual das estruturas de tipo “fossa” permite as seguintes observações:

- 1) As categorias artefactuais mais representadas são a cerâmica e a fauna mamalógica.
- 2) As formas cerâmicas mais representadas são as taças em calote de esfera com bordo espessado, pratos de bordos espessados/almendrados, esféricos fechados e semi-esféricos.

3) Apenas foram recuperados dois fragmentos com decoração, um com incisões junto ao bordo e outro com incisões que formam um triângulo preenchido com puncionamentos e pasta branca.

4) Os utensílios líticos são escassos; as matérias-primas mais utilizadas são o gabro e quartzito.

5) Realçamos o carácter de exceção de alguns elementos: apenas um “peso” de tear, uma colher, dois fragmentos de “queijeira”, uma lâmina em sílex, uma “ponta de seta” em xisto, uma espátula em osso e artefactos em liga de cobre (um punção, duas possíveis lâminas e uma lâmina serrilhada).

Este conjunto artefactual apresenta elementos que nos permitem associar os contextos ao Calcolítico regional. Assim, considerando a data obtida no hipogeu, parece estarmos perante um sítio de estruturas em negativo com uma longa diacronia de ocupação.

2. ANÁLISE DOS ENCHIMENTOS DAS ESTRUTURAS Nº 1 E Nº 22

Os enchimentos das estruturas do Monte Marquês 15 apresentam contextos muito diversos (Baptista *et al.* 2010). Neste artigo, centraremos a análise no caso das estruturas nº 1 e nº 22 que apresentam um número de fragmentos cerâmicos muito elevado, quando comparado com o das restantes estruturas (Fig. 3). Para além deste aspeto em comum, os enchimentos das estruturas apresentam também vários níveis pétreos. Apesar destas semelhanças entre as estruturas, os conjuntos artefactuais cerâmicos apresentam características e relações deposicionais que, como veremos, nos surgem em associação com diferentes práticas de enchimento/construção. Neste sentido, iremos também comparar o processo de enchimento/construção das estruturas, procurando as semelhanças e as diferenças que apresentam.



Fig. 3.— Gráfico relativo ao número de fragmentos presentes em cada estrutura

Estrutura nº 1

A estrutura nº 1 trata-se de uma estrutura em negativo aberta no substrato geológico, composto por “caliços” de coloração esbranquiçada e algo granuloso. Apresenta um perfil trapezoidal, que confere um carácter fechado à morfologia da estrutura, uma planta sub-circular, em que a boca se encontra centrada com o fundo, paredes regulares alargando desde a boca até à base, que se encontra regularizada (Fig. 4). No seu interior foram individualizadas 21 unidades estratigráficas, que apresentam a seguinte sequência (do topo para a base) (Fig. 5):

1) No topo do enchimento foi identificado um primeiro nível pétreo, a UE 101, que apresentava cerca de 50 cm de espessura, encerrando o enchimento da estrutura. É composto por pedras de gabro e “caliço” de pequeno e médio

Fig. 4.— Estrutura nº 1. Plano final, UE 121



BRP 07
MM 15
EST 1
UE 121
03MAR 08

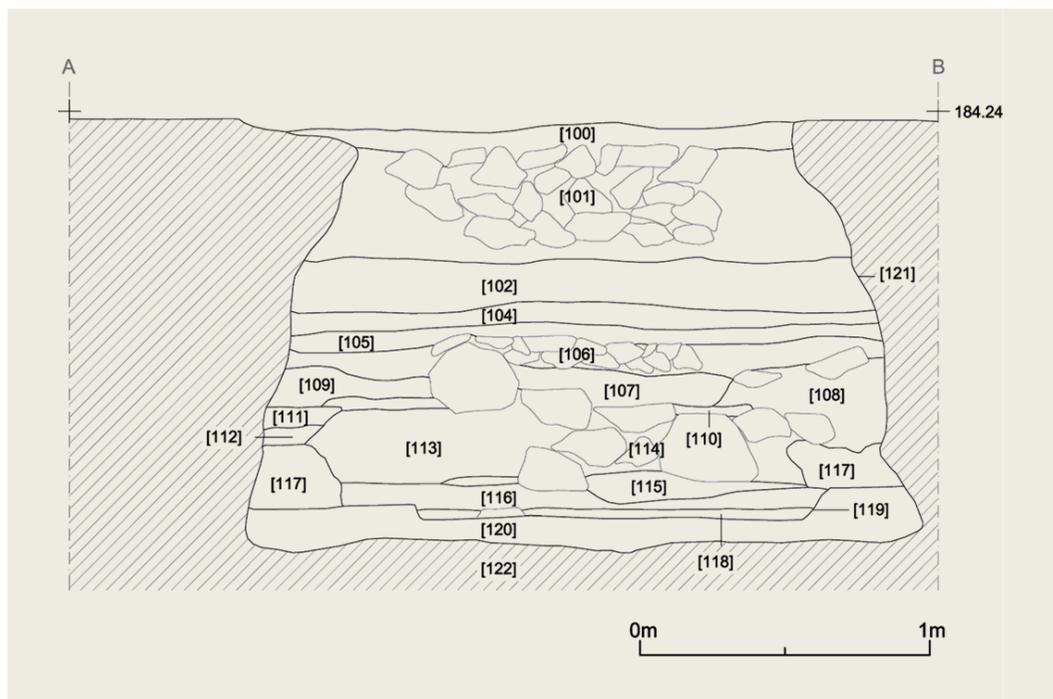


Fig. 5.— Estrutura nº 1. Secção

calibre, muito imbricadas, onde se pode observar uma concentração no centro da estrutura com pedras de pequeno calibre. É a partir desta concentração que as pedras se desenvolvem em direção às paredes, reforçando desta forma a estabilidade e horizontalidade desta “construção” (Fig. 6). Entre os gabros e “caliços” foram recolhidos vários fragmentos cerâmicos, num total de 197, dos quais 37 são partes de bordo. Destes bordos foi possível aferir a presença de formas abertas (como taças semi-esféricas, taças em calote de esfera, pratos sem espessamento e pratos de bordo espessado) e de formas fechadas (possíveis esféricos fechados). Presentes no depósito estão também vários fragmentos de fauna mamalógica, num total de 69, alguns dos quais queimados e com marcas de corte. Os fragmentos exumados são de dimensões reduzidas (Fig. 7), com as superfícies e fraturas desgastadas, não sendo possível ou observável colagens entre os fragmentos.



Fig. 6.— Estrutura nº 1. 1.º nível pétreo, UE 101

2) Sob este nível pétreo foi identificada uma sucessão de quatro depósitos de coloração castanho escuro de matriz argilosa, compactos e heterogêneos (UEs 102, 103, 104 e 105). Presentes nestes depósitos estão alguns nódulos de argila cozida e carvões, indiciando práticas de combustão. A categoria artefactual mais frequente nestes depósitos é, novamente, a cerâmica, ainda que acompanhada por outras categorias. Na UE 102 foram recolhidos 106 fragmentos cerâmicos,

um lítico polido e 34 fragmentos de fauna mamalógica. No diz respeito à cerâmica foram identificados 17 bordos, dos quais foi possível aferir a presença de taças em calote de esfera de bordo espessado, prato de bordo espessado pelo exterior e recipientes fechados. Nos depósitos UEs 103, 104 e 105, o número de fragmentos cerâmicos diminui consideravelmente, com 2, 30 e 37 fragmentos, respetivamente. Quanto às formas representadas mantêm-se os mesmos tipos, sendo de salientar a presença de dois fragmentos de queijeira nas UEs 104 e 105. Nas faunas exumadas também se mantém o mesmo padrão de ocorrência, com fragmentos queimados e com possíveis marcas de corte, além de um fragmento de concha de vieira na UE 105.

3) Subjacente a este conjunto de depósitos, encontrava-se um 2º nível pétreo, UE 106, que se localiza no centro da estrutura (Fig. 8.1). É composto por pedras de gabro de pequeno e médio calibre. Os elementos artefactuais presentes aumentam, num total 80 fragmentos cerâmicos, dos quais 15 são partes de bordo. O grau de fragmentação é assinalável, traduzindo-se em fragmentos de pequenas dimensões e de arestas bastante erodidas. Mais uma vez assistimos à presença de elementos fauna com marcas de corte e queimados em associação com os elementos pétreos.

4) Segue-se mais uma sequência de depósitos, UEs 107 a 113, caracterizados pela coloração castanho escuro, compactos e heterogéneos, que se distinguem pela tonalidade e compactação, mas também pela maior ou menor presença de carvões e nódulos de argila cozida. A componente artefactual é de fraca frequência, contudo partilham as mesmas características reconhecidas nos elementos dos depósitos já descritos (elevado grau de fragmentação e erosão assinaláveis). Estes depósitos cobrem o topo de um terceiro enchimento pétreo.

5) O 3º nível pétreo, a UE 114, é composto por duas grandes pedras colocadas ao centro da estrutura em negativo e sobre um conjunto estruturado de elementos pétreos em gabro de médias dimensões. Preenchendo os interstícios das pedras



Fig. 7.— Estrutura nº 1. Amostra de alguns fragmentos recolhidos, UE 101



Fig. 8.— Estrutura nº 1. Níveis pétreos UE 106, UE 114 (topo e plano intermédio) e UE 117

foram registados vários carvões de assinalável dimensão, bem como, um fragmento de haste de cervídeo (Figs. 8.2 e 8.3). Observando as características da estrutura pétrea e a presença de nódulos de argila cozida e carvões, pode-se tratar-se de uma “construção” relacionada com práticas de combustão. Esta “construção” situa-se novamente no centro da estrutura. Ao proceder ao desmonte deste nível pétreo, começou-se a antever um anel pétreo junto às paredes da estrutura. A encostar a este anel, identificou-se uma concentração de carvões (UE 115) sobre um depósito de argila cozida (UE 116).

6) Após a remoção destes depósitos, ficou visível a totalidade de um 4º nível pétreo, a UE 117, que corresponde a um “anel” pétreo (Fig. 8.4). Esta “construção” destaca-se das anteriores, quer pela distribuição (junto as paredes da estrutura em negativo), quer pelo modo de construção. Este conjunto é composto por pedras de gabro e “caliço” de médio calibre, imbricadas umas sobre as outras criando até três fiadas. Neste caso, o centro da estrutura fica desimpedido. De notar que o espaço central se encontrava regularizado e preenchido por 1 depósito, a UE 118, constituído por uma grande quantidade de nódulos de argila cozida e carvões.

7) Por último, foi identificado o depósito UE 120, acompanhando a área de assentamento do 4º nível pétreo. Este depósito caracteriza-se pela compactação elevada e heterogeneidade, conferida pela inclusão de grandes nódulos de “caliço”, xisto e argila.

Em suma, na estrutura nº 1 destacamos quatro níveis de “construção” pétrea intercalados por depósitos. Estes ocorrem de formas distintas: junto às paredes (como o 4º nível pétreo), ao centro (2º e 3º níveis pétreos), e ocupando toda a área da estrutura (1º nível pétreo). A distribuição espacial dos elementos pétreos sugere a utilização polarizada dos espaços. Abrindo e fechando áreas, condicionando movimentos e ações. Quanto à ocorrência dos elementos artefactuais temos a destacar a elevada frequência de elementos cerâmicos e

faunas no nível de colmatação do topo; a presença de faunas em associação com o nível de combustão; e os elevados graus de fragmentação e erosão dos elementos cerâmicos e faunísticos.

Estrutura nº 22

A estrutura nº 22 trata-se de uma estrutura em negativo, aberta no substrato geológico composto por “caliços”. O substrato apresenta, na área especificamente desta estrutura, um veio de gabros que se desenvolve de SE para NO, visível nas paredes da estrutura. Esta estrutura apresenta um perfil semi-globular, que lhe confere uma morfologia tendencialmente fechada, uma planta sub-circular, em que a boca se encontra centrada com o fundo, e paredes com contornos irregulares, possivelmente decorrentes do veio que atravessa a área onde a estrutura foi aberta (Fig. 9). No interior da estrutura foram individualizadas 23 unidades estratigráficas, que apresentam a seguinte sequência (do topo para a base) (Fig. 10):

1) No topo do enchimento foi identificado um 1º nível pétreo, a UE 2201, que parece corresponder ao nível de colmatação da estrutura (Fig. 11.1). É composto por elementos de gabro de grande e médio calibre, encontrando-se os blocos de maiores dimensões no centro, dispostos na horizontal e os menores na restante área. Estes cobriam totalmente o topo da estrutura criando um imbricado denso com cerca de 30 cm de espessura. Este nível pétreo não forneceu qualquer elemento artefactual.

2) Sob o nível de colmatação acima descrito, verificou-se uma sequência de oito depósitos de reduzida espessura (UEs 2202 a 2209), caracterizados pela sua coloração castanho claro, carácter heterogéneo e desagregado, que se distinguiram pela maior ou menor presença de “caliços”. A elevada frequência de nódulos de “caliço” poderá estar relacionada com a erosão das paredes e da



Fig. 9. — Estrutura nº 22. Plano Final, UE 2224

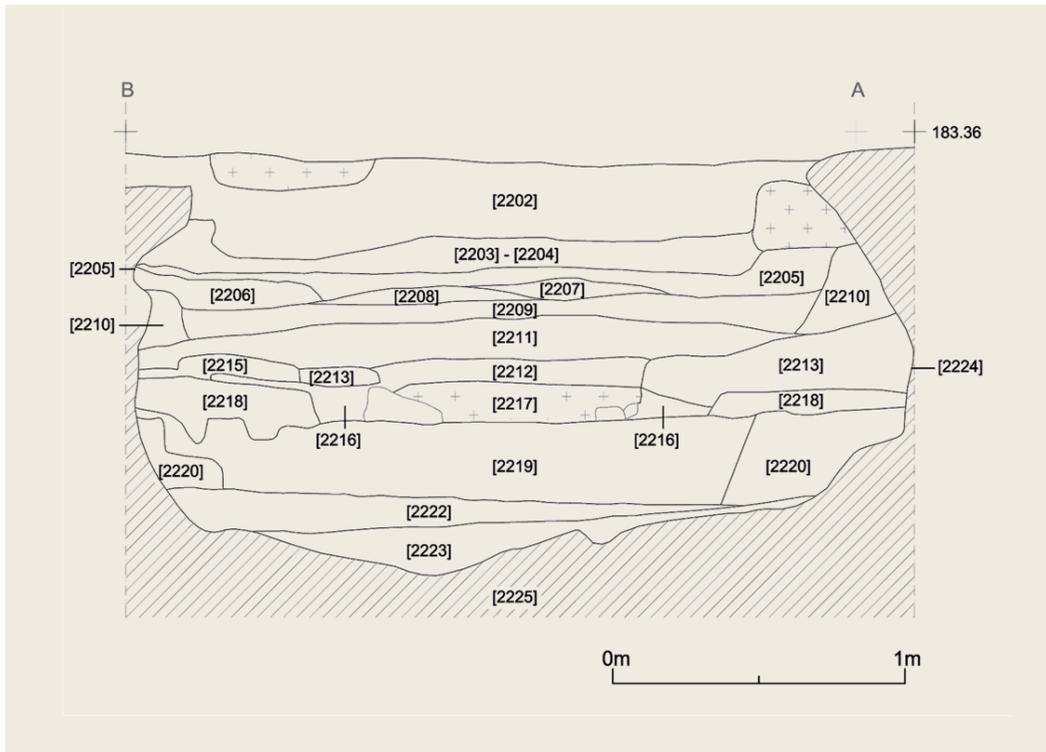


Fig. 10.— Estrutura nº 22. Secção

“boca” da estrutura, uma vez que se localizavam preferencialmente junto as paredes. Deste conjunto de depósitos foram recolhidos 52 fragmentos cerâmicos e um lítico.

3) A remoção destes depósitos pôs a descoberto um 2º nível pétreo, UE 2210 (Fig. 11.2). Este apresenta a configuração de “anel”, encontrando-se junto as paredes da estrutura em negativo, delimitando um espaço central regularizado que corresponde ao topo do depósito UE 2211. Esta “construção” pétreo é composta por pedras de gabra de médio e pequeno calibre, imbricadas umas sobre as outras criando duas fiadas. No sedimento que as envolvia, foram recolhidos 14 fragmentos cerâmicos. Este conjunto cerâmico apresenta um visível desgaste nas superfícies, bem como nas arestas, notoriamente erodidas.



Fig. 11.— Estrutura nº 22. Níveis pétreos UE 2201, UE 2210; aspeto da escavação dos depósitos UEs 2212 e 2215 e nível pétreo UE 2217

4) Com o desmonte deste “anel”, deparámo-nos com um outro conjunto de depósitos de matriz argilo-arenosa de coloração castanha e esbranquiçada. Os depósitos de coloração castanha, UEs 2211 e 2212, localizam-se ao centro da estrutura e apresentavam fauna mamalógica (19 e 42 fragmentos, respetivamente). Já os depósitos de coloração esbranquiçada, com elevada frequência de nódulos de “caliço”, UEs 2213, 2214 e 2215, localizam-se junto as paredes da estrutura em negativo, apontando para a precipitação de caliço das próprias paredes (Fig. 11.3). Estes apenas forneceram três fragmentos cerâmicos e sete fragmentos de fauna mamalógica.

5) Após a remoção dos depósitos acima descritos, ocorre um 3º nível pétreo, a UE 2217, localizado no centro da estrutura negativa. Tal nível pétreo apresentava-se inicialmente como um “montículo” de pedras de gabro de pequeno calibre (Fig. 11.4). Removendo as pedras do “montículo”, observou-se que estas ocultavam um depósito com carvões, delimitado por pedras de gabro de médio calibre (Fig. 12). Circunscrevendo a “construção” pétrea foi identificado o depósito UE 2216, de cor castanha escura, com elevada presença de carvões junto às pedras. Neste depósito foram recolhidos carvões e fragmentos de fauna mamalógica. Considerando em simultâneo a “construção” pétrea e os depósitos que a sustentam, podemos associar este conjunto a práticas de combustão.

6) Com o desmonte deste nível, surge a UE 2219, que consiste num depósito de coloração castanho alaranjado, compacto e com inclusão frequente de nódulos de “caliço” e manchas de carvão. Este depósito cobre um conjunto de elementos pétreos em gabro de médio e grande calibres definido no plano intermédio 2 da UE 2219. Perante esta conjugação de elementos, podemos considerar um 4º nível pétreo, na conjugação das UEs 2219PI e 2220. A UE 2219PI corresponde a uma “construção” pétrea que se desenvolve desde a parede este para o centro da estrutura, com as pedras dispostas escalonadamente, como se tratasse de uma ruína ou desmoronamento (Fig. 12.2). A UE 2220, trata-se de um “anel”



Fig. 12.— Estrutura nº 22. Níveis pétreos UE 2216 –localizado no interior do alinhamento pétreo– e UE 2219PI; nível de concentração de fragmentos cerâmicos, UE 2221 e pormenor do mesmo

pétreo incompleto, composto por pedras em gabro de médio calibre imbricadas envoltas num sedimento de coloração castanho claro, muito compacto e com presença de nódulos de “caliço”.

7) Imediatamente abaixo deste nível pétreo, identificou-se um depósito, a UE 2222, e no lado oeste/noroeste da estrutura, um nível de concentração de fragmentos cerâmicos, a UE 2221 (Fig. 12.3). O sedimento que envolvia os fragmentos era constituído quase exclusivamente por caliço esbrabquiçado. Este “caliço” concrecionou nas paredes e fraturas dos fragmentos, não permitindo observar, em campo, quaisquer características dos mesmos (Fig 12.4). Em gabinete, após limpeza dos fragmentos e remontagens de recipientes, verificámos que nos encontrávamos perante um conjunto de seis recipientes, cinco incompletos e um completo de grandes dimensões (Fig. 13). Desta concentração foram recolhidos: 499 fragmentos cerâmicos, de longe a categoria mais representada; e ainda, 25 fragmentos de fauna mamalógica (parte de mandíbula e dentes soltos); e cinco elementos líticos (nomeadamente, um percutor, um polidor e um fragmento de dormente). É de salientar que alguns dos materiais estão queimados, mas o depósito que os envolvia não apresentava indícios de combustão. Para além do conjunto de recipientes referido, a UE 2222 apresentava 88 fragmentos cerâmicos, que não apresentavam colagens, e fragmentos de fauna mamalógica.

8) Na base da estrutura encontrava-se o depósito UEs 2223, constituído apenas por “caliços” amarelados que preenchiam irregularidades da base da própria estrutura.

Em suma, na estrutura nº 22 destacam-se cinco níveis de “construção”. Nesses níveis de construção podemos considerar uma delimitação que privilegia distintas delimitações espaciais no interior da estrutura: junto às paredes (como o nível de concentração de fragmentos cerâmicos e os 2º e 4º níveis pétreos); ao centro (3º nível pétreo); e em toda a área delimitada pela estrutura (1º nível pétreo). Quanto à forma de ocorrência dos elementos artefactuais temos destacar o seguinte: a sua ausência ao nível de colmatação da estrutura; a pre-



Fig. 13.— Estrutura nº 22. Vasos presentes no nível de concentração de fragmentos, UE 2221

sença de faunas em associação com o nível de combustão (3º nível); a concentração de fragmentos de cerâmica, pertencentes a recipientes de grandes dimensões na UE 2221; e o carácter residual dos elementos nos depósitos entre os momentos de construção pétrica.

1.2. Comparação entre as sequências de enchimento das estruturas nº 1 e nº 22

Quando comparamos as estruturas podemos reconhecer um jogo de semelhanças e diferenças na formalização dos elementos que compõem as suas sequências de enchimento. Vejamos alguns aspetos desse jogo de diferenças e semelhanças:

1) As duas estruturas apresentam, ao nível do topo, um nível pétreo que ocupa toda a área da estrutura, parecendo tratar-se de um nível de colmatação do enchimento da estrutura. Porém, na estrutura 1, os elementos pétreos que constituem este 1º nível são de médias dimensões e os interstícios estão preenchidos com fragmentos de cerâmica, fauna e sedimento; é de salientar que os elementos cerâmicos apresentam pequenas dimensões, superfícies e arestas erodidas e não permitem colagem entre si; já na estrutura nº 22, o 1º nível pétreo é composto por grandes pedras em gabro, colocadas preferencialmente ao centro, sendo estéril do ponto de vista artefactual.

2) Nos dois casos foram identificadas prováveis estruturas de combustão, que se encontravam localizadas na área central, sendo compostas por blocos de gabro de médio calibre que delimitam um pequeno espaço sub-circular, onde foram recolhidos vários fragmentos de faunas, carvões e nódulos de argila cozida. Estas estruturas encontravam-se colmatadas, sendo na forma como a colmatação estava estruturada, que se registra a ocorrência de soluções distintas. Na estrutura 1, a opção passou pela colocação de duas grandes pedras dispostas horizontalmente, ao passo que, na estrutura 22, a solução corresponde a construção de um “montículo” de pequenos blocos de gabro imbricadas.

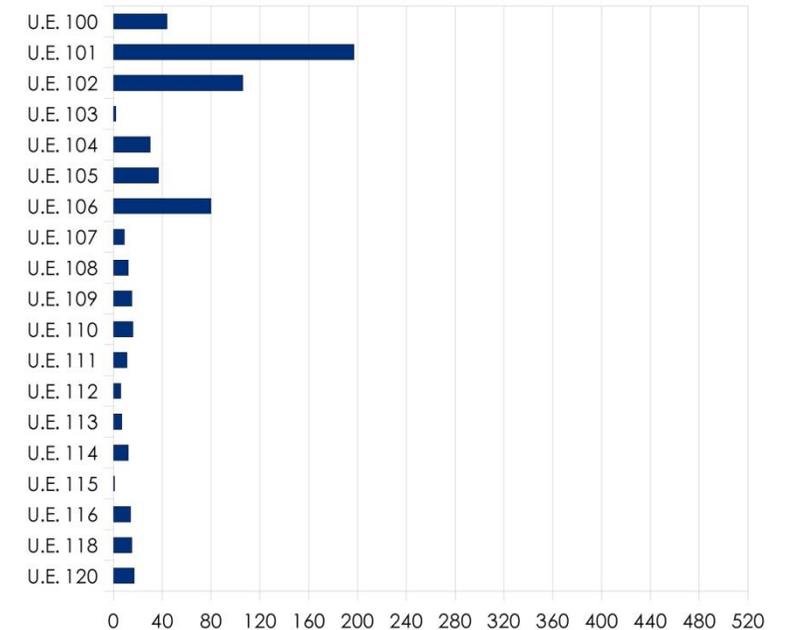


Fig. 14.— Estrutura nº 1. Gráfico respeitante ao número de fragmentos por UE das diferentes categorias artefactuais

3) As construções pétreas em “anel” ocorrem nas duas estruturas, porém com localizações distintas: na estrutura nº 1 trata-se de um anel construído na base da estrutura; na estrutura nº 22 ocorre quase no topo do enchimento. Esta prática, de colocação junto às paredes de elementos pétreos de gabro, dispostos uns sobre os outros, poderá, entre outras possibilidades, ter funcionado como reforço das paredes da estrutura em negativo, uma vez que os depósitos posteriores, caracterizados por colorações castanho claro a esbranquiçado, com elevada frequência de nódulos de “caliço” poderão ser decorrentes de processos de erosão.

4) Quando comparamos a distribuição dos fragmentos cerâmicos das duas estruturas, é de salientar que, na estrutura nº 22, os fragmentos definem um “episódio” de enchimento da estrutura, ao contrário do que acontece na estrutura nº 1, que correspondem a ocorrências aleatórias no interior dos depósitos.

5) Os fragmentos cerâmicos da estrutura nº 22 ocorrem nos depósitos da base, após os níveis pétreos, ou seja, um cenário muito distinto do observado na estrutura nº 1, onde ocorrem, maioritariamente, no topo da estrutura em articulação com os níveis pétreos (Figs. 14 e 15).

6) Outra diferença significativa prende-se ao número de colagens efetuado, isto é, na sondagem nº 1 quase não foi possível fazer colagens, ao contrário do que acontece na sondagem nº 22, onde os fragmentos da UE 2221 correspondem, na sua maioria, a cinco partes de recipientes cerâmicos e um recipiente inteiro, todos eles de grandes dimensões.

7) No âmbito das colagens dos fragmentos da estrutura nº 22, é de salientar a presença de elementos que apresentam marcas de diferentes “biografias”. Com efeito, em algumas colagens, parte dos fragmentos apresentam-se queimados, sugerindo a sua manipulação em práticas distintas dos restantes. No caso dos

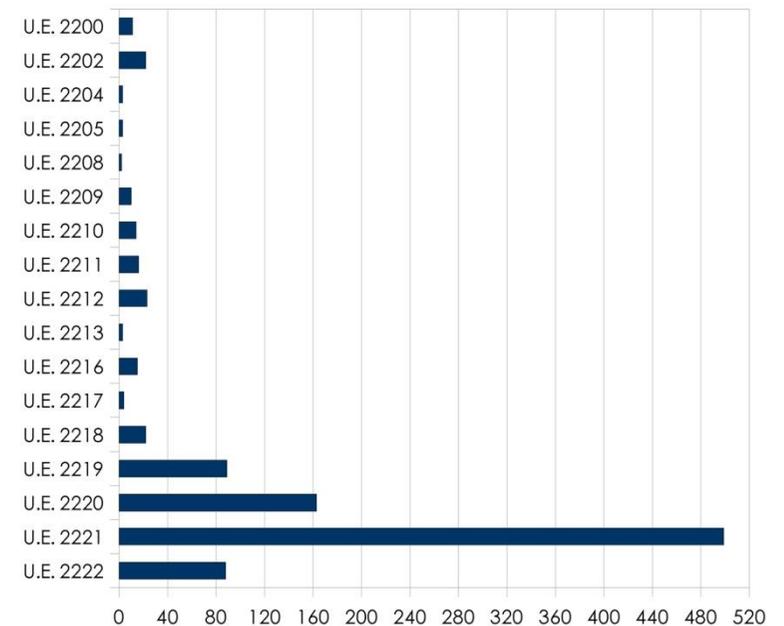


Fig. 15.— Estrutura nº 22. Gráfico respeitante ao número de fragmentos por UE das diferentes categorias artefactuais

fragmentos cerâmicos da estrutura nº 1, todos apresentam pequenas dimensões, superfícies e arestas erodidas que remetem para uma “biografia” semelhante.

2. NOTA FINAL

A análise do enchimento das estruturas nº 1 e nº 22 permitiu constatar que elementos semelhantes podem ser articulados de modo muito distintos. Com efeito, cada uma das estruturas apresenta elementos que parecem repetir-se, porém na topografia das relações que estabelecem acabam por ser “usados” de modos muito distintos. No caso das estruturas pétreas tal variabilidade parece expressar-se no lugar que ocupam na sequência de enchimento; no caso dos fragmentos cerâmicos, para além de ocorrerem em contextos muito distintos é o próprio processo de fragmentação que remete para a sua utilização em práticas distintas. Esta variabilidade, sugerindo um padrão, não parece fixar um único modo de “posicionar” as construções pétreas e a componente cerâmica no interior da estrutura. Com efeito, “tal padrão, longe de constituir um modo fixo que estabelece o andamento de construção de cada uma das estruturas, parece estar em constante atualização, ou seja, mais do que padronizar, parece funcionar como referência a partir da qual se constroem as possibilidades e os limites da ação. Um padrão de diferença e repetição” (Baptista *et al.* 2010: 45).

Agradecimentos: Ana Marta Sales, André Saraiva, Bárbara Carvalho, Edviges, Francisco Barros e Rodry Mendonça; ao Rodry Mendonça (desenhos e SIG) e ao José Grilo (fotografias das peças).

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, L., CUNHA, L. e GOMES, S. (2010): *Relatório Final da Intervenção Arqueológica em Monte do Marquês 15*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- FERREIRA, M.T. (2008): *Monte do Marquês 15, Beringel, Beja. Estudo de Análise Antropológica*, (Relatório inédito, IGESPAR). Lisboa.
- GARROW, D., BEADSMOORE, E. e KNIGHT, M. (2005) "Pit clusters and the Temporality of Occupation: an Earlier Neolithic Site at Kilverstone, Thetford, Norfolk". *Proceedings of the Prehistoric Society* 71: 139-157.
- JORGE, S.O. (2005): *O Passado é Redondo. Dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais*. Porto.
- LAGO, M. *et al.* (1998): "Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (1): 45-152.
- MCFADYEN, L. (no prelo): "The breakage and post-breakage histories of the pottery at Castelo Velho". In S.O. Jorge (ed.): *Castelo Velho*. Porto.
- VALERA, A. (2010) "Marfim no recinto calcolítico dos Perdigões: «Lúnulas». Fragmentação e ontologia dos artefactos". *Apontamentos* 5: 31-42.

FONTES

Estudo de Impacto Ambiental do Bloco de Rega do Pisão (2005), IPA – Inovação e Projectos em Ambiente, Lda.